

Tradução

Translation

A natureza normativa do amor evolucionário[©]

The normative nature of evolutionary love

Isabel Jungk

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil
isabeljungk@yahoo.com.br

Resumo: Em seu texto *Evolutionary Love* (1893), Peirce defende que o amor é uma força metafísica, criativa e evolucionária que se desenvolve em um movimento circular, pois, no mesmo impulso, ele projeta suas criações para a independência e liberdade, bem como as atrai para a harmonia. O filósofo afirma que devemos buscar a realização do *summum bonum*, conformando nossas atitudes ao crescimento da razoabilidade concreta no mundo, isto é, que nossas ações devem ser de natureza tal a ensejar a corporificação de formas cada vez mais elevadas de sentimento, conduta e pensamento. Contudo, ao relacionar essa perspectiva filosófica com a realidade cotidiana em que nossas ações se desenvolvem, surge uma questão: como é possível agir de maneira amorosa e razoável quando, na maior parte do tempo, somos assolados por emoções e interesses conflitantes? O amor concebido como *ágape*, como amor universal, pode ser melhor compreendido como um sentimento normativo capaz de organizar emoções e pensamentos contraditórios e, dessa forma, orientar nossa conduta de vida. Sua normatividade fica clara a partir da análise de sua posição no interior do sistema peirciano, no qual a Ciência Normativa encontra-se dividida em três ramos. Em função dessa divisão triádica, o amor possui uma natureza semiótica que, por sua vez, está ligada a suas dimensões éticas e estéticas. O presente artigo objetiva realizar uma análise aprofundada da natureza normativa tridimensional do amor, compreendido

[©] O uso do material da *Semiotic Society of America* (SSA) é restrito a *Cognitio*: Revista de Filosofia, v. 19, n. 2, jul-dez 2018. O artigo original em língua inglesa pode ser acessado no site: https://www.pdcnet.org/cpsem/content/cpsem_2015_0065_0080. Agradecemos a *Semiotic Society of America*, detentora dos direitos de publicação do material original, pela permissão de uso concedida para fins desta publicação.

Use of the *Semiotic Society of America* (SSA) material is restricted to: Portuguese translation by Isabel Jungk to be published in *Cognitio*: Revista de Filosofia, Vol. 19, No. 2, Jul-Dec 2018, online version. The original English language article can be found in: https://www.pdcnet.org/cpsem/content/cpsem_2015_0065_0080. We thank to the *Semiotic Society of America*, owner of the publishing rights of the original material, for permission to use granted for the purposes of this publication by the Center for Pragmatism Studies, Pontifical Catholic University of São Paulo, Brazil.

como ágape. Ao final desta análise, será enfatizado o papel pragmático e necessário do amor evolucionário na atualidade.

Palavras-chave: Amor evolucionário. Autocontrole. Ciência Normativa. Consciência. Liberdade.

Abstract: *In his article Evolutionary Love (1893), Peirce defends that love is a metaphysical, creative and evolutionary force which develops in a circular movement, which means that, by the same impulse, it projects its creations into independency and freedom, as well as it draws them into harmony. The philosopher claims that we should seek the fulfillment of the summum bonum by adapting our attitudes to the growth of concrete reasonableness in the world, which means that our actions should be of such a nature that they are capable of increasing the embodiment of ever higher forms of sentiment, conduct and thought. From this perspective, and considering the everyday reality in which our actions take place, a question arises: how can we act in a loving and reasonable way when most of the time we are overwhelmed by conflicting emotions and interests? Love conceived as agape, i.e., as universal love, can be better understood as a normative sentiment capable of organizing conflicting emotions and thoughts and, hence, capable of orienting our conduct in life. Its normativeness becomes clear from its place within the Peircean system, in which Normative Science is divided into three branches. Due to this division, love has a semiotic nature which, in turn, is linked to its ethical and esthetical dimensions. Accordingly, the present article aims to fulfill an in-depth analysis of the three-dimensional normative nature of love, understood as agape. At the end of this analysis, the pragmatic and necessary role of evolutionary love nowadays will be emphasized.*

Keywords: *Consciousness. Evolutionary love. Freedom. Normative Science. Self-control.*

1 Introdução

De maneira geral, a natureza normativa do amor, considerada como amor universal ou ágape, consiste em um sentimento lógico capaz de orientar nossa conduta na vida. Para entender esse fenômeno a partir de uma perspectiva abrangente, e para responder à questão de como é possível agir de maneira amorosa e razoável, os principais aspectos que constituem sua natureza precisam ser esclarecidos. Consequentemente, o tema deste artigo será abordado a partir de quatro pontos fundamentais.² Primeiramente o lugar do amor universal na arquitetura científica de Peirce e sua normatividade serão explicados. Em segundo lugar, a força metafísica e criativa do amor, e seus modos de evolução, serão examinados. Em terceiro

- 2 Vários estudiosos da obra de Peirce, como Potter (1997, p. xxviii), entendem que “a obra de Peirce, de fato, mostra considerável unidade, e que um bom número das alegadas inconsistências são somente aparentes.” Essa orientação interpretativa foi adotada neste artigo a fim de alcançar seu objetivo. No que concerne à classificação peirciana das ciências, a análise será baseada no trabalho de Kent (1987), que tem sido considerado um estudo definitivo sobre o assunto.

lugar, a natureza normativa tridimensional do amor, seus aspectos estéticos, éticos e lógicos, serão especificados. Ao final, uma conclusão pragmática será apresentada, evidenciando o papel da natureza normativa do amor evolucionário na adoção de uma conduta amorosa e razoável na vida.

2 O amor evolucionário na arquitetura filosófica de Peirce

A classificação arquitetônica das ciências elaboradas por Peirce destina-se a ser um dispositivo metodológico capaz de elucidar as interconexões entre todas as ciências relevantes para a produção de conhecimento. Apesar de haver muitas maneiras pelas quais as ciências podem ser relacionadas, a hierarquia peirciana relaciona diferentes questões filosóficas, tanto internamente como em relação a outras buscas intelectuais, de acordo com diferentes graus de abstração. Esses níveis, por sua vez, são importantes para compreender a natureza normativa do amor evolucionário.

Peirce baseou seu esquema em uma relação de dependência de princípios.³ Nele, “as ciências superiores fornecem princípios para as inferiores, enquanto as inferiores fornecem dados às superiores.”⁴ Por uma ciência inferior, Peirce entende uma ciência que se situa em uma posição hierarquicamente inferior em relação a outra ciência ou ciências, em relação às quais a ciência em questão é menos abstrata. Qualquer ciência inferior pode adotar princípios de qualquer outra ciência superior dentro de sua classificação. Por ciência superior, Peirce se refere a uma ciência que se situa numa posição hierarquicamente mais elevada em relação a alguma outra ciência ou ciências. Uma ciência superior, sendo mais abstrata, pode colher de uma ciência inferior dados, fatos novos, observações diretas, problemas, sugestões e campos de aplicação.⁵ Portanto, superior e inferior são classificações relativas, uma vez que todas as ciências são igualmente importantes para a produção de conhecimento. Um diagrama conciso da classificação peirciana das ciências, arranjado em uma série de camadas, como estabelecido por Kent,⁶ mostra a posição que cada ciência ocupa em relação às outras:

1. MATEMÁTICA

2. FILOSOFIA

2.1. Fenomenologia

2.2. Ciência Normativa

2.2.1. Estética

2.2.2. Ética

2.2.3. Lógica ou Semiótica

2.2.3.1. Gramática Especulativa

2.2.3.2. Lógica Crítica

2.2.3.3. Metodêutica [*locus* do Pragmaticismo de Peirce]

3 Cf. KENT, 1987, p. 122.

4 Ibid., p. 18.

5 Ibid., p. 124.

6 Ibid., p. 134-135; ver também CP 1.186, 1903.

2.3. Metafísica

2.3.1. Ontologia [ou Metafísica Geral]

2.3.2. Metafísica Física

2.3.3. Metafísica Psíquica

3. CIÊNCIAS ESPECIAIS

A filosofia apresenta três grandes divisões: Fenomenologia, Ciência Normativa e Metafísica. Para Peirce, a tarefa da Fenomenologia, a primeira ciência filosófica, consiste na observação dos fenômenos a fim de discernir “seus elementos ubíquos,”⁷ isto é, as categorias mais gerais da experiência: primeiridade, segundidade e terceiridade.⁸ Tais categorias podem ser compreendidas como relações monádicas, diádicas e triádicas mutuamente irreduzíveis;⁹ elas são as três “qualidades universais dos fenômenos no seu caráter fenomênico imediato.”¹⁰ As categorias fornecem os primeiros princípios para todas as disciplinas filosóficas e são observáveis em toda realidade, em diferentes graus de proeminência. Em uma análise fenomenológica, qualquer fenômeno é redutível a elas. Igualmente, elas informam toda a classificação científica de Peirce. Assim, a Ciência Normativa, que trata da “relação dos fenômenos aos fins,”¹¹ também se subdivide em três ramos: Estética, Ética e Lógica ou Semiótica. Peirce adotou o termo *normativa* ao invés de *diretiva*¹² para evitar que ela fosse tomada como uma ciência “meramente prática” ou subjetiva.

O Pragmaticismo, isto é, o pragmatismo de Peirce, ocupa uma posição significativa na Ciência Normativa, uma vez que ele pertence à Metodêutica, o terceiro ramo da Lógica, que “estuda as formas de proceder aos diferentes tipos de investigação.”¹³ A segunda versão da máxima pragmática de Peirce,¹⁴ que é um princípio metodológico para definir o conteúdo intelectual de conceitos filosóficos, pode ser considerada resultado de suas elaborações sobre o trio normativo, e de seu papel central no desenvolvimento do conhecimento. A máxima é uma aplicação especial do método científico e de seus modos de inferência. De acordo com Peirce, Kent¹⁵ observa que tal classificação, na qual a Lógica precede a Metafísica, evita buscar “resolver os problemas da metafísica e das ciências especiais sem considerar completamente a natureza do raciocínio a ser usado e a base para sua validade.”

Também de acordo com Kent,¹⁶ que extrai sua conclusão dos manuscritos tardios de Peirce, a Metafísica Científica é dividida em: Metafísica Geral ou Ontologia,

7 CP 5.121, 1903.

8 Cf. CP 1.545-567, 1867; CP 1.369-372, 1885.

9 Cf. CP 1.328, 1894.

10 CP 5.122, 1903.

11 CP 5.123, 1903.

12 CP 2.7, 1902.

13 KENT, 1987, p. 134.

14 CP 5.412, 1905.

15 KENT, 1987, p. 17.

16 Ibid., p. 182-183.

na qual Peirce discute a realidade dos gerais, entre outras questões; a Metafísica Física, que aborda os modos de evolução universal, entre outras questões; e a Metafísica Psíquica ou Religiosa, que estuda a realidade que concerne às aspirações espirituais humanas. Peirce¹⁷ não quis dizer que a metafísica deveria se basear somente nas ciências naturais, nem que ela devesse ser transformada em uma disciplina teológica, no sentido tradicional. A Metafísica é a ciência da Realidade que consiste em regularidade, em lei ativa que pode ser compreendida como a ação da *razoabilidade eficiente*¹⁸ no universo. Isso significa que, para Peirce, acreditar na Razão é acreditar em Deus, mesmo quando isso não é explicitamente reconhecido: “o verdadeiro homem de ciência [...] realmente acredita que o universo é governado pela razão, ou em outras palavras por Deus [...] Pois acreditar no raciocínio sobre os fenômenos é acreditar que eles são governados pela razão, isto é, por Deus.”¹⁹

Uma vez que todas as ciências estão inter-relacionadas, elas podem ser consideradas em relação a sua *normatividade*,²⁰ isto é, em relação a sua posição relativa à Ciência Normativa. A Fenomenologia, que é pré-normativa, toma seus princípios da Matemática. As três disciplinas *normativas* buscam o conhecimento teórico a partir “da experiência disponível a todos, na medida em que podemos agir sobre ela e ela sobre nós,”²¹ sem a preocupação pelo desenvolvimento de habilidades específicas.²² Sua tarefa normativa é estabelecer como *sentimento, conduta e pensamento* devem ser controlados, supondo-se que eles estão sujeitos ao autocontrole em certa medida.²³ A Metafísica é, assim, *pós-normativa*. Ela deve, portanto fundamentar-se no pensamento lógico, rigoroso, controlado e totalmente desenvolvido a fim de evitar formas “acríticas” de pensamento metafísico,²⁴ isto é, a fim de evitar meros exercícios de elucubração verbal ou meros “pensamentos vagabundos”, como Peirce chama os pensamentos que se afastam da experiência humana.²⁵ Para Peirce, as concepções metafísicas são concepções lógicas aplicadas à realidade através da investigação lógica.²⁶

Com base em suas categorias do pensamento e natureza,²⁷ Peirce desenvolve sua teoria metafísica da evolução em seu texto *Amor Evolucionário*.²⁸ Peirce critica as várias teorias da evolução biológica baseadas somente no acaso, ou na necessidade mecânica, ou na formação de hábitos; ele argumenta que, separadamente, esses princípios não conseguem dar conta da variedade e complexidade da vida biológica.

17 CP 6.1-5, 1898.

18 CP 5.121, 1903.

19 SS 75, 1908.

20 KENT, 1987, capítulo 5.

21 Ibid., p. 140.

22 CP 5.125, 1903.

23 Cf. MS 655, p. 24, 1910.

24 CP 1.129, c. 1905.

25 Cf. CP 8.112, c. 1900.

26 Cf. KENT, 1987, p. 181.

27 Cf. CP 1.545-567, 1867; CP 1.369-372, 1885.

28 CP 6.287-317, 1893.

Suas análises objetivam elucidar o *modus operandi* de modos mais gerais e sinequistas de evolução, nomeadamente: *tिकासma*, *anancasma* e *agapasma*. Apesar das categorias serem onipresentes em cada um dos três modos de evolução, uma é mais proeminente do que as outras em cada um deles. *Tिकासma* pode ser definido como evolução por variação fortuita, no qual predomina a primeiridade; *anancasma* é evolução por necessidade mecânica, regido pela segundidade; e *agapasma* é a evolução pelo amor criativo, governada pela terceiridade. Entretanto, apesar dos três modos serem “compostos dos mesmos elementos gerais, o *agapasma* os exhibe de modo mais claro.”²⁹ O *agapasma* concerne à adoção de certas tendências mentais por meio de uma atração imediata pela idéia em si mesma, cuja natureza é adivinhada em virtude da “continuidade da mente.”³⁰ Como mente e matéria são contínuas no universo,³¹ a lei da mente – isto é, a lei da associação lógica das ideias³² e, portanto, da causação final^{33 34} – é a única lei operativa no universo que forma todos os tipos de regularidades. A necessidade mecânica,³⁵ ou causação eficiente, isoladamente, levaria a um determinismo inaceitável, contrário a toda diversidade observável, e o puro acaso³⁶ não tem propósito, e não pode explicar as regularidades universais que tornam o universo cognoscível. Conseqüentemente, o evolucionismo é incompatível com o determinismo mecânico, uma vez que, se as leis da natureza fossem rígidas, não haveria lugar para mudança e todas as formas de crescimento e desenvolvimento resultariam impossibilitadas.³⁷ Assim, o sinequismo ou continuidade pressupõe o tiquismo, pelo qual o acaso, como uma forma de “Oriência ou Originalidade,”³⁸ é operativo no cosmos; do contrário não haveria lugar para a evolução e nem mesmo para a própria mente.

Peirce enfatiza que “a criação do universo, que não se deu durante uma certa semana intensa, [...] mas está acontecendo hoje e nunca será terminada, é o próprio desenvolvimento da Razão,”³⁹ portanto, o lugar do *agapasma* criativo na

29 CP 6.302-303, 1893.

30 CP 6.307, 1893.

31 CP 6.24-25, 1891.

32 CP 6.104, 1892.

33 CP 1.250, 1903.

34 Para Peirce, *causação final* ou *lógica* é “aquele modo de ocasionar fatos de acordo com o qual uma descrição geral do resultado é tornada atual, de forma independente de qualquer compulsão para que ela se atualize desta ou daquela maneira particular [...] a causação final não determina de que forma particular ela será atualizada, mas somente que o resultado terá um certo caráter geral” (CP 1.211, 1902).

35 *Causação mecânica* ou *eficiente* “é a compulsão determinada pela condição particular das coisas e é uma compulsão agindo para fazer com que a situação comece a mudar de uma maneira perfeitamente determinada; e qual possa ser o caráter geral do resultado de nenhuma maneira concerne à causação eficiente” (CP 1.212, 1902).

36 CP 7.521, 1898.

37 Cf. CP 6.59, 1892.

38 CP 2.85, 1902.

39 CP 1.615, 1903.

evolução universal está relacionado à idéia da lei ativa ou *razoabilidade eficiente*,⁴⁰ que pode ser compreendida como terceiridade genuína que abrange segundidade e terceiridade, e que significa o jogo conjunto da causação lógica, da causação eficiente e do acaso, como modos de evolução operativos na concretização do *telos* do desenvolvimento da Razão no universo.

3 A circularidade do amor criativo

O amor evolucionário é uma *força metafísica* que se desenvolve em um movimento circular e que, através do mesmo impulso, projeta suas criações para a *independência* e as atrai para a *harmonia*,⁴¹ dois conceitos-chave para compreender a maneira pela qual ele exerce sua força.

Hausman⁴² define *eros* e *ágape* em termos de dependência e independência na relação do agente do amor respectivamente ao objeto do amor. Eros é expresso por aquilo que busca algo mais completo do que aquilo que se possui, ou seja, é expresso por um agente relativamente dependente do objeto amado para sua completude. Diferentemente, *ágape* somente pode ser expresso por um agente já completo em seus próprios termos, pois o *ágape* não se direciona para a busca de algo. Ao invés disso, ele se manifesta como um interesse pelo objeto amado. Assim, “*ágape* não é o poder de superar a dependência; ele é o poder de fluir [harmoniosamente] em interdependência em relação a outro.”⁴³ Da mesma forma, Fromm⁴⁴ afirma que a arte de amar não é uma questão de um objeto a ser amado; ela é uma faculdade exercida livre e deliberadamente.⁴⁵ Portanto, liberdade e dependência podem ser consideradas a partir de duas perspectivas a fim de elucidar a circularidade criativa do amor.

Primeiramente, há a *liberdade de agir*. Adotar deliberadamente uma conduta pressupõe, ao menos, a possibilidade de não adotá-la, do contrário, a liberdade estaria ausente. Ser independente é ser livre, e algo é livre sob algum aspecto somente quando nada o determina, pois “livre é aquilo que não tem outro atrás de si, determinando suas ações.”⁴⁶ Portanto, o amor é um poder que reside dentro daquele que ama, e que não depende de nenhuma característica do objeto em direção ao qual ele se dirige. Se algo já fosse amável, no sentido de ser capaz de suscitar o amor por si só, devido a qualquer característica intrínseca que lhe pudesse atribuir uma natureza inerentemente amável, amá-lo seria somente a consequência de sua natureza, e não um ato de vontade deliberada.

Por outro lado, há a *liberdade de consciência*, intimamente relacionada à *liberdade de sentimento*, que sempre é livre, pois o sentimento pertence à

40 CP 1.121, 1903.

41 CP 6.288, 1893.

42 HAUSMAN, 1974, p. 15.

43 Ibid.

44 FROMM, 1956, p. 2, 46.

45 Ibid., p. 56.

46 CP 1.302, c. 1894.

primeiridade.⁴⁷ A força metafísica do amor reside no seu caráter propositado,⁴⁸ que concerne ao desenvolvimento de uma ideia que atrai os seres existentes através do sentimento, isto é, através do direto reconhecimento agápico ou simpático que se dá através da continuidade da mente. Essa teleologia que se desenvolve (*developmental teleology*), nunca impõe os pensamentos e sentimentos que levam a ela. Essa ideia é o contínuo, dinâmico e harmonioso desenvolvimento da razão em si mesma, um desenvolvimento em direção ao qual somos lentamente atraídos, e para qual somos chamados a contribuir de maneira deliberada. Desenvolvemos uma simpatia mais consciente por essa ideia na mesma medida em que atingimos uma compreensão mais desenvolvida sobre o que é o crescimento da razoabilidade e, assim, de como ser razoável. Portanto, nossa própria evolução está harmoniosamente ligada ao crescimento de propósitos:

Peirce argumenta que a personalidade, que é uma das manifestações da lei da mente é uma estrutura que evolui (6.102-163) Ele diz que a personalidade é a coordenação de ideias, e que essa coordenação implica uma harmonia teleológica. Mas a teleologia é “mais do que uma mera busca propositada de um fim predeterminado; ela é uma teleologia que se desenvolve” (6.155-157). Por uma “teleologia que se desenvolve [*developmental teleology*]” ele quer dizer um crescimento de propósitos, não um crescimento de ideias de acordo com propósitos.⁴⁹

O desenvolvimento de poderes agapásticos internos ocorre gradualmente⁵⁰ em nossa personalidade, de acordo com o crescimento de nossos propósitos. Primeiramente, a simpatia age em direção à adoção de propósitos sem requerer qualquer contribuição do pensamento ou consciência individuais; ela está ligada à personalidade coletiva do povo ou comunidade no qual o indivíduo toma parte. Em segundo lugar, a relação simpática com o ambiente social influencia o indivíduo diretamente na direção da adoção de certas ideias, demandando seu próprio reconhecimento cognitivo da atratividade dessa ideia, com base em sua experiência comunal. Em terceiro lugar, a simpatia por uma ideia é independente da relação social do indivíduo, porque ele é capaz de apreciar a própria ideia em si mesma, sendo sua aplicabilidade de maneira irrestritamente geral sentida como seu valor intrínseco. O primeiro e segundo estágios são formas degeneradas⁵¹ de ágape, nas quais eros ainda detém um papel predominante, pois elas envolvem o desejo de completude individual por meio da concretização das ideias agapásticas abraçadas. Embora eros seja sempre responsável por impulsionar ou ativar a

47 Cf. CP 1.302, c. 1894; CP 1.531, 1903.

48 CP 6.315, 1891.

49 HAUSMAN, 1974, p. 12.

50 Cf. PAPE, 1997, p. 62-63.

51 Degenerado em um sentido categorial, próprio a Peirce, cf. CP 6.303, 1893; ver também CP 1.521-544, 1903.

atração por uma ideia,⁵² somente no terceiro nível o indivíduo está livre de almejar os resultados esperados advindos da concretização da ideia, e independente de afeições humanas,⁵³ estando, portanto, imbuído da forma mais plena de ágape, e sendo capaz de fluir harmoniosamente de acordo com ela.⁵⁴

Em vista disso, é compreensível o que Peirce diz sobre o amor evolucionário que, “reconhecendo o gérmen da amorosidade naquilo que é odioso, gradualmente o aquece para a vida, e o torna amável.”⁵⁵ Aquilo que é odioso é aquilo que ainda não é amável, algo que não tem vida própria, e como tal, não é capaz de crescimento, algo ou alguém ainda preso em uma rede de relações desarmônicas e, portanto, que necessita ser integrado no fluxo do amor criativo⁵⁶ a fim de superar sua desarmonia.⁵⁷ Esses atos de amor criativo⁵⁸ não são, de forma alguma, predeterminados. A *função unificadora* agapástica é a fonte “que espontaneamente produz nova inteligibilidade” na forma de harmonia ou de tendência direcionada à regularidade (*lawfulness*) em geral, mas ela permite a suas criaturas estabelecer “sua própria inteligibilidade.”⁵⁹ Como enfatiza Potter,⁶⁰ “a evolução é a Razão progressivamente se manifestando. Razão, para Peirce, consiste em governar eventos individuais e, sem tais fatos atuais, ela não teria nenhuma realidade,” de forma que atos dinâmicos de amor surgem a partir do desenvolvimento de um grau de consciência mais alto, que mostra ao indivíduo que ele “evoluiu a ponto de agora poder cooperar na própria evolução.”⁶¹

4 A natureza normativa tridimensional do amor

Ágape se dirige para um fim; ele é uma força teleológica que atrai indivíduos em direção à evolução. Entretanto esse *telos* é muito geral, e quando se trata de um indivíduo concreto, e de sua cooperação voluntária na sua realização, é necessário considerar sua natureza normativa.

Embora as três categorias sejam universais, e possam ser observadas em toda ciência e disciplina filosófica, as ciências normativas estão inter-relacionadas de maneira complexa,⁶² de acordo com a forma como primeiridade, segundidade e terceiridade podem ou não ser *prescindidas* uma da outra.⁶³ A fim de chegar às suas conclusões, a Estética pode prescindir da Ética e da Lógica; a Ética pode prescindir somente da Lógica, mas não da Estética, e a Lógica não pode prescindir

52 HAUSMAN, 1974, p. 15.

53 CP 6.307, 1893.

54 HAUSMAN, 1974, p. 16-17.

55 CP 6.289, 1893.

56 Cf. HAUSMAN, 1974, p. 15.

57 Ibid., p. 21.

58 Cf. PAPE, 1997, p. 64.

59 HAUSMAN, 1974, p. 22.

60 POTTER, 1997, p. 201.

61 Ibid., p. 202.

62 CP 8.255, 1902.

63 CP 1.353, 1880.

nem da Ética, nem da Estética. Em outras palavras, a Lógica pressupõe e requer as conclusões da Ética, que por sua vez está baseada em conclusões estéticas. O labor das três disciplinas normativas concerne àquilo que deve ser em relação ao pensamento, à ação-reação, e ao sentimento⁶⁴ e, portanto, elas lidam com fins deliberados.⁶⁵ Sua essência é pavimentar o caminho para o pensamento controlado, a conduta controlada, e a formulação de hábitos de sentimento. Essas três disciplinas não avaliam diretamente os fenômenos. Ao invés disso, elas são teorias a respeito dessa avaliação,⁶⁶ e não devem ser confundidas com ciências práticas que se destinam a determinar a conduta humana em casos específicos. Entretanto, elas têm implicações para a conduta humana.⁶⁷ A razão pela qual as ciências normativas devem ser mantidas separadas de questões práticas está em que suas conclusões não devem ser “prescrições fixadas de antemão”, objetivando qualquer “resultado estacionário,”⁶⁸ ao invés disso, elas devem ser *formas ideais e eternas*, concernentes ao crescimento e evolução em si mesmos:

Assim como o raciocínio surge a partir da experiência, da mesma forma o desenvolvimento do sentimento emerge das experiências internas e externas da alma. Não somente é ele da mesma natureza do desenvolvimento da cognição; mas ele ocorre prioritariamente através da instrumentalidade da cognição. As partes mais profundas da alma somente podem ser alcançadas através de sua superfície. Dessa maneira, as formas eternas com as quais [...] as ciências nos familiarizam, alcançarão, gradualmente, por meio de lenta percolação, o próprio centro do nosso ser; e influenciarão nossas vidas; e isso elas farão [...] porque elas são verdades ideais e eternas.⁶⁹

Assim, a natureza do amor evolucionário será abordada em termos das questões que ele coloca a fim de influenciar nossas vidas, isto é, como o autocontrole pode dirigir nossos esforços a fim de forjar e de engrandecer nosso sentimento, nossa conduta, e nosso raciocínio de uma maneira inter-relacionada, de acordo com verdades ideais e eternas que podem ser reconhecidas como tais através da experiência, e que também podem ser normativamente validadas.

4.1 A dimensão estética do amor

Para Peirce, o fim estético consiste em definir qual qualidade “independentemente do esforço, nós gostaríamos de experienciar.”⁷⁰ Para ele, conceber a Estética como

64 CP 8.256, p. 1902.

65 CP 1.574, 1905.

66 STUHR, 1994, p. 6.

67 CP 1.600, 1903.

68 CP 1.614, 1903.

69 CP 1.648, 1898.

70 CP 2.199, 1902.

concernente à beleza, como muitas teorias fizeram depois de Baumgarten,⁷¹ seria limitado e hedonístico,⁷² pois a beleza é um conceito diádico que não pode ser o escopo de uma ciência na qual predomina a primeiridade, isto é, qualidades monádicas, meras potencialidades sem existência atual.⁷³ Adotando uma palavra grega, ele pergunta: “qual é a única qualidade que é, em sua presença imediata, *kalós*?” A resposta é que ela é “o estado de coisas que é mais admirável em si mesmo, independentemente de qualquer razão ulterior, [...] sem nenhuma razão para ser admirável além de sua característica inerente.”⁷⁴ O que é admirável *per se* está além da racionalidade lógica.⁷⁵ Como qualidade estética, ele é “a impressão total inalisável de uma razoabilidade que se expressou na criação. Ele é um puro Sentimento, mas um sentimento que é a impressão de uma Razoabilidade que Cria.”⁷⁶

A estética de Peirce tem um núcleo normativo rastreável a um esforço leibniziano de pensamento proto-estético, que focalizava a experiência e julgamento de um tipo que escapa à formulação em regras e linguagem; modos de conhecimento extraídos da sensação ou sentimento, a partir de qualidades aparentemente imediatas constituídas pela soma de impressões que, isoladamente, estariam abaixo do limiar da consciência.⁷⁷ Tomadas isoladamente, essas qualidades seriam confusas. Todavia, em conjunto, elas seriam capazes de formatar nossa capacidade de responder (ver discussão no item 3.3). A relevância dessa maneira estética de pensar “para o agir humano e a ética vem do reconhecimento de que, não somente as paixões, mas também os costumes e as disposições individuais são formadas e influenciadas imperceptivelmente dessa maneira, e podem ser deliberadamente reformuladas.”⁷⁸

A força atrativa metafísica do ágape sobre nossos sentimentos, enunciada anteriormente, pode ser compreendida de acordo com a forma como as ciências normativas estão inter-relacionadas. Sua característica estética nos atrai para o *summum bonum*, nos desperta para a admirabilidade do bem supremo que se expressa como o crescimento da razoabilidade concreta no universo,⁷⁹ que se constitui como o *fim último* de acordo com o qual nós deveríamos estar preparados para agir quando a ocasião se apresentasse,⁸⁰ uma vez que ele tenha sido deliberadamente aprovado e adotado. Assim, o amor é um *sentimento lógico*,⁸¹ pura potencialidade e generalidade, em direção às quais somos esteticamente atraídos, sendo necessário, entretanto, escolher agir voluntariamente em conformidade com ele, a fim de atualizá-lo em fatos e eventos concretos. Assim, nas ciências normativas,

71 Cf. NÖTH, 1990, p. 421.

72 CP 5.111, 1903.

73 CP 1.328, 1894.

74 CP 1.611-612, 1903.

75 CP 5.119, 1903.

76 MS 310, p.9, 1903.

77 BARNOUW, 1994, p. 155-156.

78 Ibid., p. 158-159.

79 CP 5.433, 1905.

80 CP 8.380, 1913.

81 SAVAN, 1981, p. 320.

“o sentimento tem que ser construído como a base adequada para o autocontrole deliberado,”⁸² significando que, no longo curso do tempo, nós deveremos estar mais aptos para sentir e admirar a atratividade da ideia da evolução da razoabilidade em sua pureza, e assim, agir de acordo com seu crescimento.

4.2 A dimensão ética do amor

A adoção deliberada de uma conduta amorosa, harmoniosamente de acordo com o *summum bonum*, pertence à dimensão ética do amor. Para Peirce,⁸³ o problema fundamental da Ética é: “o que eu estou preparado para fazer, o que eu objetivo, o que eu busco? Para o quê se direciona a força de minha vontade?” Qualquer crença prática nesse domínio pode ser descrita como um hábito de comportamento deliberado,⁸⁴ e hábitos podem ser considerados padrões gerais. Os elementos básicos para a adoção de uma conduta ética deliberada são: o *padrão geral* concebido mentalmente de antemão, a *agência eficiente* na natureza interior, o *ato*, e a *comparação* subsequente do ato com o padrão.⁸⁵

A adoção de uma conduta deliberada envolve o autocontrole, pelo qual esses quatro elementos podem ser alcançados a fim de estabelecer um padrão ético de conduta. O autocontrole é o controle racional exercido através do pensamento lógico e, portanto, ele é a condição principal do comportamento ético; ele é um fenômeno “comum a todos os homens e mulheres maduros,”⁸⁶ e a evolução se desenvolve de maneira crescente através do autocontrole.⁸⁷ Através desses quatro passos básicos, o movimento evolucionário ético do autocontrole pode ser relacionado aos sentimentos no nível em que eles funcionam também como padrões gerais, que podem ser examinados por meio da auto e heterocrítica, pelas quais o agente do amor alcança formas mais elevadas de domínio sobre eles, a fim de influenciar sua conduta futura através da adoção autocontrolada ou deliberada de hábitos de ação que envolvem uma mistura de ética e estética. Como explica Peirce:

Dizer que uma conduta é deliberada implica que cada ação [...] é revista pelo ator, e que seu julgamento é exercido sobre ela a fim de saber se ele deseja que sua conduta futura seja semelhante ou não. Seu ideal é o tipo de conduta que o atrai após a revisão. Sua autocrítica, seguida por uma resolução mais ou menos consciente que, por sua vez, excita a determinação do seu hábito, [...] modificará a futura ação [...] Se a conduta deve ser completamente deliberada, o ideal deve ser um hábito de sentimento que cresceu sob a influência de um curso de auto e heterocríticas; e a teoria da formação deliberada de tais hábitos de sentimento é o que deve significar a estética.⁸⁸

82 BARNOUW, 1994, p.160.

83 CP 2.198, 1902.

84 CP 5.538, 1903.

85 CP 1.607, 1903.

86 CP 5.442, 1893.

87 CP 5.433, 1901.

88 CP 1.574, 1906.

Estética e Ética estão intimamente inter-relacionadas neste sentido. Como Peirce já havia observado anos antes, a consciência “não é um teorema ou um pedaço de informação que possa ser adquirido ao ler um livro; ela deve ser cultivada em um homem desde a infância.”⁸⁹ Ou, pode-se acrescentar, ela deve ser livre e deliberadamente elaborada continuamente no curso da vida, sempre que o indivíduo preste mais atenção e ponha a maior parte de sua energia em questões éticas elevadas, ao invés de questões contingentes do cotidiano, submetendo estas últimas às primeiras. Nesse sentido, “o autocontrole parece ser a capacidade de se elevar a uma visão ampla de um assunto prático, ao invés de ver somente sua urgência temporária. Esta é a única liberdade da qual o homem tem qualquer razão para se orgulhar.”⁹⁰

Essa continuidade ético-estética evolucionária está baseada na lei do hábito, e tende “a se espalhar e estender mais e mais sobre a vida.”⁹¹ Isso significa que, pela replicação indefinida do autocontrole sobre o autocontrole, da ação por meio do pensamento, um homem cultiva um ideal estético. “Esse ideal, ao modificar as regras do autocontrole, modifica a ação e também a experiência – tanto do próprio homem, como de outros.”⁹² Portanto, é a partir de tal perspectiva que Peirce considera o sentimento como sendo “capaz de crescimento e desenvolvimento por meio de experiências pessoais internas e externas de vários tipos.”⁹³ Em outras palavras, conformar atitudes ao crescimento da razoabilidade resulta de hábitos de conduta formados por hábitos de sentimento agapásticos, pois “a razoabilidade, a admirável generalidade que regula hábitos, se torna verdadeiramente concreta no sentimento. Ela é inseparável de seu [de Peirce] conceito de *ágape*: o amor evolucionário.”⁹⁴ Assim, o *summum bonum* não consiste na ação, ele consiste “naquele processo de evolução pelo qual o existente corporifica mais e mais aqueles gerais que, como foi dito, são destinados, e que é o que lutamos para expressar ao chamá-los de razoáveis”, dando ao “pragmaticista, o tipo de justificação para fazer do significado racional [de um conceito] um geral.”⁹⁵

4.3 A dimensão lógica ou semiótica do amor

Embora o amor, como uma capacidade inerente, seja independente da natureza dos objetos sobre os quais é exercido, ele de fato tem objetos, pois “o amor não é dirigido a abstrações.”⁹⁶ O amor como *ágape*, isto é, “a atração simpática exercida sobre nós por pessoas, coisas ou ideias, é uma postura de que algo é valioso e desejável por si próprio, e que deve ser mantido por perto, incorporado em nosso

89 CP 8.45, 1885.

90 CP 5.339, n. 1, 1868.

91 CP 1.50, 1896.

92 CP 5.402, n. 3, 1906.

93 KROIS, 1994, p. 29.

94 Ibid., p. 32.

95 CP 5.433, 1905.

96 CP 6.288, 1893.

modo de vida.”⁹⁷ O amor universal não evita aquilo que é odioso; inversamente, ele gradualmente o torna amável. Assim, uma questão surge: como podemos agir de uma maneira amorosa e razoável quando, na maior parte do tempo, somos assolados por interesses e emoções conflitantes? Através da dimensão semiótica do amor, a relação entre razão, emoções e conduta pode ser analisada. Como ressalta Santaella,⁹⁸ “a semiose é um processo lógico capaz de explicar algumas das questões metafísicas mais cruciais.”

As emoções são como a cognição.⁹⁹ De acordo como Savan,¹⁰⁰ “as emoções são como crenças,” “julgamentos avaliativos;” elas são signos, *conceitos mediadores* relacionados a *objetos*, e que geram *interpretantes*. Diferentemente de sentimentos não mediados, que são as qualidades não cognitivas das emoções,¹⁰¹ as emoções reconhecem e identificam coisas. Uma emoção é, em parte, um signo de qualidade ou qualissigno corporificado em sinsignos físicos no sistema nervoso. As emoções atribuem qualidades específicas a objetos particulares, e resultam de um processo inferencial. Como legissignos mentais, “toda emoção é atribuída como um predicado a algum sujeito,”¹⁰² o que ocorre geralmente de maneira inconsciente. Por exemplo, o que é considerado ultrajante leva aquele que assim se sente a experienciar raiva e indignação que, por sua vez, podem ser consideradas interpretantes emocionais no quadro semiótico de Peirce. Situações assim avaliadas são experienciadas dessa forma repetidamente na vida, formando *hábitos disposicionais de pensamento*. No caso de objetos avaliados negativamente, as emoções-signo podem gerar interpretantes dinâmicos tais como atitudes evasivas, de repulsa e até violentas. Portanto, emoções incluem avaliações, apreciações, e implicam valores normativos, geralmente adotados de maneira acrítica, que podem ser adequados ou não em relação ao valor que eles atribuem aos seus respectivos objetos.¹⁰³

Se uma emoção não encontra resistência, ela se propaga evocando emoções similares¹⁰⁴ repetidamente. *Emoções naturais* estão associadas com instintos fundamentais. *Emoções morais* são adquiridas através da experiência social, e variam historicamente em cada sociedade. Diferentemente, *sentimentos lógicos* “são sistemas duradouros e ordenados de emoções.”¹⁰⁵ Aquele que ama pode experienciar uma miríade de emoções dentro do mesmo sentimento de amor como, por exemplo, alegria, tristeza, ciúme, medo. Enfrentar emoções conflitantes ou conflitos entre interesses e emoções evidencia que alguma experiência, ou fato externo, está desafiando, no presente, aquilo que havia sido estabelecido previamente. Os padrões emocionais avaliativos previamente adotados, os julgamentos reconhecidos

97 PAPE, 1997, p. 59-60.

98 SANTAELLA, 2007, p. 270.

99 Cf. CP 1.376, 1885.

100 SAVAN, 1981, p. 320.

101 Ibid., p. 323.

102 Ibid., p. 322.

103 Ibid., p. 328-329.

104 Ibid., p. 328.

105 Ibid., p. 331.

como apropriados à orientação do comportamento sob certas circunstâncias, não são mais sentidos como adequados. Ao compreender que as emoções não possuem um valor neutro, e ao considerar os possíveis comportamentos que elas geram, pode-se submetê-las à análise racional. A insatisfação pode ser sentida em relação à nossa reação em algum tipo de situação, em relação às consequências de algumas posturas adotadas, e assim por diante.

Somente através da autocrítica é possível exercer o autocontrole sobre elas. Uma vez que “é o autocontrole que torna possível qualquer outro curso de pensamento além do normal,”¹⁰⁶ as emoções, sendo padrões de pensamento, podem ser modificadas racionalmente de acordo com novos padrões deliberadamente adotados. Mais ainda, uma vez que “todo raciocínio existe em um espaço lógico de normas,”¹⁰⁷ e uma vez que qualquer coisa que está na mente entra através da porta da percepção, e sai pelo portão da ação deliberada,¹⁰⁸ os “aspectos normativos das emoções”¹⁰⁹ funcionam como padrões críticos que influenciam como certas circunstâncias são percebidas e, subsequentemente, afetam a *ação* e a *conduta*. A ação ocorre *hic et nunc*; a conduta é geral, “um tipo de atividade.”¹¹⁰ A ação pode ser determinada pelas emoções, mas somente um sentimento lógico pode forjar a conduta, que deve estar fundamentada em uma forma correspondente de perceber fatos e eventos.

Portanto, o ágape é “o sentimento lógico central.”¹¹¹ Sua característica mais elevada “é uma disposição de sacrificar a nós mesmos pelo bem do nosso objeto de amor.”¹¹² Como ocorre no amor parental, o que poderia ser sentido como desagradável, repulsivo ou ameaçador pode ser aceito sob a orientação do amor. O valor lógico do *ágape* é ser um sentimento normativo capaz de organizar emoções conflituosas e, mais ainda, ser capaz de gerar *novas formas de inteligibilidade* à luz de um *telos*. Certos objetos, pessoas e situações podem ser percebidas de maneiras mais abrangentes e, assim, serem incorporadas no fluxo do amor que engendra o crescimento. Considerar a natureza semiótica das emoções permite estar consciente de como elas dão forma a nossos sentimentos e reações. Dessa maneira, é possível escolher nossos julgamentos emocionais a fim de adotar uma conduta pessoal que possa aumentar a corporificação do amor de uma maneira concreta.

5 O papel pragmático do amor evolucionário

Para embasar algumas considerações finais, é fundamental considerar o que as ideias de Peirce sobre o amor evolucionário podem oferecer na contemporaneidade. Atualmente, poucos problemas filosóficos são mais prementes e complexos do que aquele de legitimar valores e normas, em meio à diversidade crescente de pensamento e de intercâmbio cultural em nossas sociedades. Muitos gostariam de ir além da

106 CP 4.540, 1905.

107 BERNSTEIN, 1965, p. 83.

108 CP 5.212, 1903.

109 SAVAN, 1981, p. 329.

110 BERNSTEIN, 1965, p. 77.

111 SAVAN, 1981, p. 332.

112 Ibid., p. 333.

arbitrariedade de valores impostos ou cegamente herdados, em busca de alguma forma de sanção geral, criticamente informada pela experiência, ratificada ou ao menos ratificável pela realidade. Dada a heterogeneidade das manifestações humanas, a magnitude de tal empreitada é gigantesca. Filosofia, ciência, arte e até religião precisariam estar alinhadas de alguma forma, de maneira que a conduta humana pudesse encontrar um denominador comum capaz de validar propósitos gerais.

Por outro lado, o estado atual de nossa sociedade planetária parece demandar tal empreitada. Se, ao final do século XX, a necessidade de seu desenvolvimento já era evidente, sua urgência se torna inegável no complexo, global e interconectado século XXI. A intrincada rede de relações sociais (econômicas, políticas, científicas, ecológicas, etc.), materializadas em redes comunicacionais, conjugadas à velocidade com a qual decisões em qualquer âmbito afetam o todo, formam o contexto real a colocar difíceis questões sobre responsabilidade e conduta ética, sobre como e porquê tais condutas são adotadas, e sobre o futuro que elas forjam para o mundo em que vivemos. Embora nenhuma dessas questões seja diretamente abordada por Peirce,

Através de questões arrebatadoras e algumas das respostas mais originais, ele nos força a voltar à reflexão filosófica sobre aquelas questões básicas que, inevitavelmente, nos confrontam como seres humanos [...] A preocupação de Peirce com a experiência, pelo que é de fato encontrado, significa que sua filosofia, mesmo em seus aspectos mais técnicos, forma um comentário reflexivo sobre a vida atual e sobre o mundo no qual ela é vivida.¹¹³

Embora a contribuição de Peirce para a vida atual e o mundo em que vivemos esteja baseada em critérios altamente abstratos, sua arquitetura filosófica consistente oferece uma perspectiva geral e unificada dessas mesmas questões. A partir dessa perspectiva, a doutrina do *agapasma*, isto é, do amor criativo como um agente central da evolução e suas consequências para a vida prática, deve ser considerada.

O amor projeta suas criações para a independência e as atrai para a harmonia, o *telos* da razão. Em uma concepção válida do processo evolucionário, o *summum bonum*, aparece como a norma última a regular o sentimento, a conduta e o pensamento humanos. Tal ideal deve ser o admirável em si mesmo, independentemente de qualquer outra razão. Toda evolução não é nada além da razão manifestando-se a si mesma progressivamente: um processo governado pelo crescimento da razoabilidade concreta. Peirce percebeu que Estética, Ética e Lógica estão enraizadas na natureza evolucionária do universo. Como observa Santaella,¹¹⁴ “sentimentos, esforços e hábitos são mais familiares para nós em seu lado psíquico, mas eles também são onipresentes em seu aspecto físico, como acaso, lei e tendência”. A filosofia peirciana demonstra como os mesmos princípios operativos são válidos em todo o cosmos, bem como para as atividades humanas:

113 SMITH, p. xxv, in POTTER, 1997.

114 SANTAELLA, 2007, p. 270.

O que é Razão? Em primeiro lugar ela é algo que nunca pode ser completamente corporificado. [...] O próprio ser do Geral, da Razão, *consiste* em seu governo sobre eventos individuais. Assim, portanto, a essência da Razão é tal que seu ser [...] deve estar sempre em um estado de incipiência, de crescimento. É como o caráter de um homem, que consiste nas ideias que ele conceberá e nos esforços que ele fará, e que somente se desenvolvem quando a ocasião de fato chega. [...] Esse desenvolvimento da razão consiste, você observará, em corporificação, isto é, em manifestação. A criação do universo, que [...] está acontecendo hoje, e nunca será terminada, é o próprio desenvolvimento da Razão. Eu não vejo como se pode ter um ideal mais satisfatório do admirável do que o desenvolvimento da Razão assim compreendida. A única coisa, cuja admirabilidade não é devida a uma razão ulterior, é a Razão em si mesma entendida em toda sua completude, tanto quanto possamos compreendê-la. Sob esta concepção, *o ideal de conduta será executar nossa pequena função na operação da criação* dando-lhe uma mão, no sentido de tornar o mundo mais razoável *sempre* que, como diz a gíria, couber a nós fazê-lo.¹¹⁵

Assim, a assunção implícita na peculiar doutrina das ciências normativas de Peirce, como três disciplinas inter-relacionadas de acordo com as categorias,¹¹⁶ e que Peirce chama de o verdadeiro “segredo do pragmatismo,”¹¹⁷ é que a realidade objetiva do ideal último de tornar o mundo mais razoável, e de valores e ações convergentes relacionadas a esse ideal, podem ser defendidas, não de maneira determinística, mas como uma tendência “na direção de realizar um estado último de coisas,”¹¹⁸ no qual eles se manifestem através do amor evolucionário.

Se, por um lado, a complexidade e abstração das inter-relações reveladas no sistema de Peirce parecem distanciar sua filosofia da existência cotidiana, na qual se desenrola a vida humana, Peirce nos fornece, por outro lado, um verdadeiro mapa do campo de sua filosofia pragmaticista – notadamente seu conceito de hábito e como ele pode ser deliberadamente forjado dentro de nós, a fim de concretizar novas formas de inteligibilidade. Seu sistema não lida com valores e normas específicos, aplicáveis a casos concretos singulares. Embora eles também sejam passíveis de ser estabelecidos em ciências aplicadas, tal tarefa cabe a todos nós que, amorosamente atraídos pela admirabilidade do crescimento da razoabilidade concreta no mundo, vamos em uma jornada de tentativas e erros, deliberadamente conformando nossas pequenas ações a esse ideal. Essas pequenas ações estão imersas no *continuum* temporal e teleológico que entretece nossa existência. Como tal, elas são capazes de fomentar hábitos convergentes de sentimento, de conduta e de pensamento que nos dirigem rumo a uma sempre crescente concretização do bem supremo na vida.

115 CP 1.615, 1903, grifos nossos.

116 CP 5.129, 1903.

117 CP 5.130, 135, 1903.

118 CP 7.471, 1898.

Referências

- BARNOUW, Jeffrey. The Place of Peirce's 'Esthetic' in his Thought and in the Tradition of Aesthetics. In: *Peirce and value theory*. PARRET, Herman (Ed.). Philadelphia, PA: John Benjamins, 1994.
- BERNSTEIN, Richard. Action, conduct, and self-control. In: *Perspectives on Peirce*. BERNSTEIN Richard (Ed.), New Haven: Yale University Press, 1965.
- FROMM, Erich. *The Art of Loving*. New York: Harper & Row Publishers, 1956.
- HAUSMAN, Carl. Eros and Agape in Creative Evolution: A Peircean Insight. *Process Studies*, v. 4.1, p. 11-25, 1974. Doi: <http://dx.doi.org/10.5840/process19744110>.
- KENT, Beverly. *Charles S. Peirce: logic and the classification of the sciences*. Québec: McGill-Queen's University Press, 1987.
- KROIS, John. C. S. Peirce on Philosophical Ethics. In: *Peirce and Value Theory*. PARRET, Herman (Ed.). Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- NÖTH, Winfried. *Handbook of Semiotics*. Bloomington: Indiana University Press, 1990.
- PAPE, Helmut. Love's Power and the Causality of Mind: C. S. Peirce on the Place of Mind and Culture in Evolution. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 33, n. 1, p. 59-90, 1997.
- PEIRCE, Charles Sanders. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. HARTSHORNE, C.; WEISS, P.; BURKS, A. W. (Eds.). Cambridge, MA: Harvard University Press, vols. 1-6, 1931-1935; vols. 7-8, 1958. [Citado como CP, seguido do número do volume, ponto, número do parágrafo e ano do manuscrito].
- _____. *The Charles S. Peirce Papers, Microfilm Edition*, thirty reels with two supplementary reels later added. Cambridge, MA: Harvard University Library Photographic Service, 1966. [Citado como MS, seguido da data do manuscrito e página.]
- _____. *Semiotics and Significs: The Correspondence between Charles S. Peirce and Victoria Lady Welby*. HARDWICK, Charles S. (Ed.), Bloomington: Indiana University Press, 1977. [Citado como SS, seguido do número da página e ano do manuscrito.]
- POTTER, Vincent. *Charles S. Peirce on Norms and Ideals*. New York: Fordham University Press, 1997.
- SANTAELLA, Lucia. Pervasive Semiosis, Presidential Address. In: *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 46.3, p. 261-272, 2007.
- SAVAN, David. Peirce's Semiotic Theory of Emotion. In: *Proceedings of the C. S. Peirce Bicentennial International Congress*, KETNER, Kenneth. L.; RANSDALL, Joseph M.; EISELE, Carolyn; FISCH, Max H.; and HARDWICK, Charles S. (Eds.), Lubbock: Texas Tech University Press, 1981.
- STUHR, John. Rendering the world more reasonable: the practical significance of Peirce's normative science. In: *Peirce and value theory*. PARRET, Herman (Ed.). Philadelphia, PA: John Benjamins, 1994.

Data de recebimento: 23-08-2018

Data de aprovação: 30-09-2018